



Como os educadores podem identificar e agir contra casos de *bullying*

Brincadeira de mau-gosto

Por Karen Rodrigues

No último dia 07 de abril, o jovem Wellington Menezes de Oliveira, num ato de vingança e revolta às humilhações e deboches que sofrera na época em que estudava, voltou à Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro, executou 12 adolescentes e depois se suicidou. Num dos vídeos que deixou gravado antes de cometer a chacina, o atirador cobra as autoridades escolares que, segundo ele, estão de braços cruzados diante de situações em que alunos são desrespeitados.

Mas afinal, como os docentes devem agir em casos de *bullying*? Qual é o papel da escola? Os professores estão realmente preparados? Para responder estas questões, conversamos com a psicóloga e docente do curso de Pedagogia e Licenciaturas da UNIBAN Brasil, Marcia Dilburt Vaisbih (foto), que já trabalhou com essa temática na disciplina Orientação Educacional.

Ela comenta que na verdade todo mundo já sofreu *bullying* na vida, só que antes não existia essa palavra. “É um termo recente que virou moda. Quem nunca sofreu chacota porque usava óculos? Só que hoje em dia se dá uma ênfase maior nisso. Essa ênfase é legal porque você pode prevenir e auxiliar a criança que não tem uma boa estrutura, a superar traumas que possam vir acontecer”, disse.

É muito importante que o educador saiba controlar as chacotas e xingamentos que ocorrem entre as crianças. No entanto, é preciso ter equilíbrio para entender o que é engraçado e normal e o que não é engraçado. Porque às vezes a criança pode rir, não que ela queira chatear o outro, mas porque a situação é engraçada mesmo. “A gente precisa entender que é super normal a criança ficar se comparando. Por exemplo: ‘ela é mais bonita que eu’, ‘ele é mais feio que eu’. Isso é normal. Agora não é porque é normal que a gente pode passar a mão na cabecinha e tudo bem. Tem que começar a ensinar desde pequenininho. A educação tem que ser compartilhada entre professores, pais e cuidadores”, explica a docente.

O *bullying* começa com uma gozação, uma ofensa ou algo do tipo. Essa “brincadeira” vai se repetindo e logo surgem os seguidores. “Ele pode ser definido em três partes: o agressor, a vítima e a plateia. A visão do

bullying é essa. O agressor vai pegando seguidores e quanto mais gente para incomodar o menininho, melhor”, diz a profa. Márcia. Para ela, a melhor maneira de ensinar o que não é legal fazer é perguntar: será que você gostaria que fizesse isso com você?

Os cuidados para evitar o *bullying* vão muito além das ofensas entre crianças e adolescentes. Pais, professores e cuidadores (babás, avós, etc) devem ficar atentos com o que fala às crianças. Se inconscientemente dizem algo que não cabe, elas podem internalizar aquilo e acabar acreditando. “Se um professor disser para um aluno que ele não é capaz de fazer a lição, acabou. Muitos pais chamam a criança de burra e ela pode acreditar e para de produzir”, afirma a docente.

Os cursos de Pedagogia e Licenciaturas oferecidos pela UNIBAN se preocupam em investir em disciplinas pedagógicas nas quais se estudam Psicologia da Educação, Didática, Planejamento, Estrutura Cognitiva da Criança e

do Adolescente e Orientação Educacional. “Eles não vão ser apenas professores de Ciências, Matemática ou outra disciplina e sim vão saber lidar com os alunos. Esse professor tem esse respaldo com as disciplinas que a gente oferece aqui na Universidade. Com isso, eles vão ter um olhar diferenciado”, revela a psicóloga.

Nas aulas de Orientação Educacional são discutidos dois princípios: medidas preventivas e remediativas. “É óbvio que é melhor prevenir do que remediar, então sabendo-se que *bullying* é um assunto que está na moda, as escolas podem promover palestras até para os pais, porque as vezes o *bullying* vem de casa. O papel da escola é esse trazer os pais pra trocar essas informações”. O educador deve ficar atento às mudanças de comportamento de um dia para o outro. “É preciso se aproximar do aluno e perguntar o que está acontecendo. É importante neste caso ter o respaldo da coordenação da escola, além do apoio da família”, finalizou a profa. Márcia.



Renato Góes